

CONTRIBUIÇÃO À PLENÁRIA DA FNP
SETEMBRO / 2021

FNP PETROBRÁS PARA
OS BRASILEIROS
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PETROLEIROS 100% ESTATAL
FORA BOLSONARO E MOURÃO



CONTRA A PRIVATIZAÇÃO, FORA BOLSONARO E MOURÃO!

PÁGINA 2

FORA BOLSONARO E MOURÃO JÁ!
GREVE GERAL
A LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

PÁGINAS 3 E 4

A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PETROLEIROS E OS RUMOS DO MOVIMENTO SINDICAL
VOCÊ SABE POR QUE EXISTEM DUAS FEDERAÇÕES?
VOCÊ SABE QUEM BOICOTA A UNIDADE?
A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA DIREÇÃO

PÁGINA 5

A LUTA CONTRA O MACHISMO, O RACISMO E A LGBTIFOBIA É UMA TAREFA DE TODOS NÓS!

PÁGINAS 6 E 7

AS ELEIÇÕES DE 2022 E A LUTA PARA CONSTRUIR UM PROJETO CLASSISTA E SOCIALISTA PARA O PAÍS
“INDEPENDÊNCIA” OU “CONCILIAÇÃO” DE CLASSE?
A FRENTE AMPLA
CSP-CONLUTAS - POR QUE APOSTAR NESTA ALTERNATIVA?

PÁGINA 8

POR QUE NOS DENOMINAMOS PETROLEIROS “SOCIALISTAS”?
LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS EM CUBA, CHILE, NA AMÉRICA LATINA E EM TODO O MUNDO!

Esta é uma contribuição do Coletivo Nacional Petroleiros Socialistas - CSP-CONLUTAS à Plenária da FNP, para a qual serão eleitos(as) delegados(as) de todo o país. Pelo limite de espaço e do próprio objetivo da plenária, esta tese não se propõe a responder a todos os problemas do nosso dia-a-dia e nem todos os tópicos serão necessariamente submetidos à deliberação. Procuramos abordar alguns dos temas fundamentais para a elaboração política da Federação e os rumos do movimento petroleiro

FORA BOLSONARO E MOURÃO JÁ!

É indispensável vontade política para avançarmos na mobilização até a derrubada do governo!

A realização de grandes atos de rua, em meio à crise econômica, política, social e sanitária tem refletido a crescente insatisfação com o governo genocida, corrupto e ultraliberal do aspirante a ditador Jair Bolsonaro e sua turma da caserna e das milícias, inimigos da classe trabalhadora. Vale destacar a situação dos indígenas, quilombolas, mulheres, LGBTIs e outros setores discriminados e violentados diariamente.

Para frear a destruição do país precisamos de uma crescente mobilização. Não podemos esperar 2022, menos ainda para reeditar um governo de conciliação de classes, que só interessa à burguesia.

Infelizmente, parte das correntes que compõem o comando dos atos (notadamente, CUT/PT) movem-se apenas com a motivação eleitoral e, por isso, acham que as passeatas devem ser freadas, espaçadas, postergadas.

Não querem derrubar de fato o governo e estancar a sangria do patrimônio brasileiro e dos direitos trabalhistas, mas sim desgastar Bolsonaro para eleger mais facilmente seus candidatos.



GREVE GERAL

As passeatas, como estão, por si sós, provavelmente não terão força para derrubar o governo. Justamente por isso é que, além de intensificá-las, devemos combiná-las com mobilizações e greves em cada local de trabalho — a única linguagem que o governo entende. Devemos nos esforçar ao máximo para fazer entrar em cena os “batalhões” da classe operária, fazer doer no bolso dos patrões, justamente os que têm garantido apoio à política econômica do governo.

É verdade que ainda não houve uma explosão popular e que tem sido muito difícil organizar a luta em meio a pandemia. Mas o primeiro passo para superar isso é a vontade política das direções. As Centrais Sindicais majoritárias - CUT, Força Sindical etc - devem se jogar para construir a Greve Geral no país!



A LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

No último período, a FNP e seus sindicatos corretamente avançaram em iniciativas unitárias para a defesa da Petrobrás estatal para além da categoria, com estrutura profissional e forte presença nas redes sociais. É o caso das campanhas “Petrobrás para os Brasileiros” / Observatório Social da Petrobrás, “Urucu é do Brasil”, “Quem Luta Pelo Brasil Defende a Petrobrás” e das participações nos atos gerais levando este programa.

Mesmo com o centro da campanha nacional contra a política de preços internacionalizada e contra a privatária do governo Bolsonaro, é preciso que seja explicado para a população todo o histórico do processo, com um balanço realista dos governos anteriores.

Por isso, defendemos que quando a campanha nacional trate de privatização (leilões, quebra do monopólio, avanço da terceirização, venda de ativos, acidentes de trabalho, crimes ambientais), corrupção e a política de Preços de Paridade de Importação, devem ser apontadas as ações e omissões inclusive de todos os governos anteriores, incluindo os do PT.

E, claro, de FHC e inclusive da Ditadura Militar (como a questão dos contratos de risco, por exemplo).

Do contrário, a política da FNP para o setor se resumirá a reproduzir o discurso da FUP/CUT de que tudo ia bem na Petrobras até a chegada de Temer ao poder.

Portanto, além de fazermos uma campanha contra todos os ataques, precisamos que a FNP também defenda uma proposta diferente para a Petrobrás.

Isto passa pela gestão operária da empresa sob controle da classe trabalhadora, reversão das privatizações já realizadas, reestatização completa das ações hoje no mercado financeiro, retorno do monopólio estatal do petróleo e gás, fim da terceirização e incorporação dos contratados, e unificação das lutas com o contingente do setor privado (hoje representados por sindicatos pelegos).

São políticas que não foram sequer cogitadas por nenhum dos governos capitalistas que já passaram e só podem ser alcançadas por um governo socialista dos trabalhadores.

A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PETROLEIROS

E OS RUMOS DO MOVIMENTO SINDICAL

A crise sanitária não foi impeditivo para a Petrobrás bater recordes de produção e adiantar a distribuição de dividendos aos acionistas. A gerência da EOR é uma piada de mal gosto e o setor operacional segue se arriscando e acumulando vítimas. Os privatistas passam a boiada e desmontam nossa empresa.

Os capitalistas se esmeram em espremer até a última gota os trabalhadores da ativa e aposentados, seja no roubo de horas extras, no imoral beneficiamento dos gestores, na conta abusiva da AMS ou na Petros.

É necessária uma resposta imediata da categoria!

Pela construção da Greve Nacional Unificada - A Greve de 2020 foi uma das maiores mobilizações da categoria em décadas. Demonstramos que é possível enfrentar governo e gestores com nossa principal arma. Na atual conjuntura, precisamos do armamento mais pesado que tivermos!

É necessário resgatar a estratégia e os métodos para uma luta vitoriosa: uma greve nacional unificada com parada de produção - direção unificada de todos os sindicatos, comandos locais pela base, impedimento do embarque dos pelegos, corte de produção e controle da planta pelos grevistas.

Esta é a tarefa número um das Federações!

Os petroleiros, com razão, se ressentem da falta de unidade na hora de enfrentar nossos inimigos. A FNP tem defendido insistentemente a unidade na luta - infelizmente, sistematicamente negada pela FUP.

Acontece que mesmo nas difíceis condições da pandemia, ocorrem importantes lutas na categoria, como luta da RLAM, greves de terceirizados, dos operadores de Alagoas, da PBio (com a inédita adesão do teletrabalho) e as mobilizações contra a terceirização na operação das refinarias. Estas últimas, inclusive, como na greve de fevereiro, conduzidas em relativa unidade entre a FNP e a FUP.

É possível, necessário e urgente generalizar este processo, construir uma luta nacional, com todos os sindicatos do país. Este é o chamado que, mais uma vez, fazemos.



VOCÊ SABE POR QUE EXISTEM DUAS FEDERAÇÕES?

Boa parte dos petroleiros talvez não saibam a origem deste racha, nem o esforço necessário para chegar a um acordo mínimo com os dirigentes da outra federação. E, naturalmente, acreditam que se trata de “egos” ou “política partidária”.

Acontece que a FNP surgiu contrapondo-se à imposição da Repactuação no Plano Petros, orquestrada entre os dirigentes da FUP e seus amigos ex-sindicalistas e então gerentes do RH., durante o Governo Lula, em 2006.

Para impedir que os opositores a esta ideia tivessem peso no Congresso da FUP, simplesmente impediram a participação das delegações dos Sindipetros AL/SE e PA/AM/MA/AP.

Para garantir que a política da direção da empresa fosse aprovada sem sobressaltos, os dirigentes da FUP não apenas rodaram o país inteiro em campanha pela Repactuação, como optaram conscientemente por provocar essa divisão da categoria, resultando na configuração atual de duas federações.

Contudo, a persistência destes sindicatos em se manterem no campo do sindicalismo combativo, construindo a FNP, foi fundamental para que a categoria não acumulasse derrotas e fosse ainda mais “anestesiada” durante os governos petistas e os que seguiram e que hoje tenhamos um polo que possibilite reconstruir a luta e a unidade dos petroleiros.

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA DIREÇÃO

Por mais que possa parecer contraditório, temos que encarar o fato de que a unidade nacional dos petroleiros só vai acontecer superando a cúpula dirigente da FUP/CUT. A FNP tem que assumir o papel que já conquistou nesta batalha. O chamado à unidade não pode significar ceder à política e chantagens da FUP, que se recusa à organização conjunta.

A FNP precisa afirmar a todo momento a necessidade de uma direção que aposte na ação direta, na independência de classe, na democracia operária, conceitos tão caros ao movimento sindical, que foram “apagados” de nossa memória nas últimas décadas, em função da estratégia política e práticas burocráticas, divisionistas (entre trabalhadores) e conciliatórias (com os patrões) das direções da FUP, CUT e cia.

Para resgatarmos esses valores e apontarmos na direção correta, a necessária articulação com todos os dirigentes, de todos os partidos e organizações, não pode se contrapor à polêmica pública, às justas denúncias e exigências às direções da FUP ou qualquer entidade.

A FNP precisa reforçar as oposições e ter uma presença direta e permanente em todas as bases. Não podemos acreditar que apenas acordos e conversas na cúpula vão conseguir virar este jogo.

Temos que apostar na capacidade dos trabalhadores tomarem em suas próprias mãos a direção dos sindicatos e de suas lutas.



VOCÊ SABE QUEM BOICOTA A UNIDADE?

Entretanto, a unidade construída a duras penas e em exaustivas conversas na greve de fevereiro/2020 foi rompida a partir do momento em que a FUP resolveu desmontá-la - e segue se negando a construir a luta. Por algum motivo, lhes parece impossível combinar assembleias unificadas em todo o país para tomar decisões de tal necessidade e urgência.

A FUP vem recorrentemente negando qualquer tipo de ação conjunta e, nas vezes em que isso aconteceu, foi por pressão de sua própria base. Sempre, é bom que se saiba, com imposição de limites como: pautas e reuniões de negociação em separado, inexistência de comando unificado, incapacidade de decidir conjuntamente quando entrar ou sair da greve, dificuldade até para construir um calendário único etc.

Para a direção da FUP, só pode haver unidade com aqueles que rezam pela mesma cartilha, seja na relação com a empresa, seja em suas ambições eleitorais.

O último ACT foi mais um exemplo drástico desta postura: não só a assinatura de um Acordo com grandes prejuízos para a categoria - sem sequer tentarem lutar, muito menos em unidade, mesmo enquanto a negociação de bancários, sem greve, p. ex., mantinha a relação 70/30.

Pelo contrário, esta unidade se deu com o RH da gestão de Cláudio Costa / Castello Branco / Bolsonaro, no terrorismo exercido sobre os trabalhadores, pela aceitação deste acordo.



A LUTA CONTRA O MACHISMO, O RACISMO E A LGBTIFOBIA É UMA TAREFA DE TODOS NÓS!

Em todo o mundo, milhares de ativistas - mulheres, negr@s, LGBTIs - saem às ruas contra a opressão, como no caso do Black Lives Matter nos EUA ou Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal, Seguro e Gratuito na Argentina.

Iniciativas como o GT da FNP de Luta Contra as Opressões são fundamentais e ajudam a reforçar, junto à categoria petroleira, que esta é uma luta de todos os(as) petroleiros(as) e, mais ainda, o que nos une - independente do seu gênero, raça/etnia, orientação sexual ou identidade de gênero - é a nossa classe, o fato de sermos todos trabalhadores e estarmos todos sob o jugo da exploração capitalista.

Aqui também há um debate - teórico e político - bastante importante. Por um lado, sobre quais são os elementos determinantes - não os únicos, mas seus fundamentos - da discriminação e, por outro, sobre os limites desta luta na sociedade atual, à depender da forma como ela é concebida e implementada.

Para além das políticas “identitárias” - Vários desses movimentos são dirigidos a partir de uma política policlassista e reformista, que percebem as opressões unicamente a partir desta identidade e se limitam a pleitear reformas democráticas.

Não à toa, para tentar desviar o avanço da consciência e da mobilização, um setor da burguesia apropriou-se das ideias de “inclusão”, “busca da diversidade”, “empoderamento”, “lugar de fala” etc, agora, quando crescem a indignação e a luta contra as opressões, para desviá-las por meio de algumas concessões e da domesticação dos movimentos e suas organizações.

Antes de mais nada, é importante afirmar que essas ideias são fundamentais no debate das opressões e que esta é uma luta urgente e necessária. É uma luta de todos e que deve ser transversal em todos os movimentos e suas pautas.

Por outro lado, a opressão contra as “minorias” compõem a engrenagem da exploração capitalista, ajudando a submeter as massas à exploração do trabalho, supostamente justificando e dando legitimidade à exploração dessa enorme parcela da



sociedade. Isso significa que, estrategicamente, nossa libertação é a libertação de toda a classe trabalhadora e vice-versa.

Os socialistas pensamos que é preciso lutar por reformas democráticas ou benefícios imediatos, porque significam conquistas contra a opressão. Estaremos sempre na vanguarda de tais lutas. Mas, é preciso ser consciente que essas concessões sempre serão parciais e temporárias e serão retiradas no momento em que ocorrer a primeira crise econômica, social ou política.

Por isso, o caminho para o fim das opressões implica na alteração radical das relações de classe. Só uma mudança radical no regime político e nas condições econômicas dos setores oprimidos pode tornar essas transformações sustentáveis, acabando de fato com as opressões.

Se está correta a afirmativa de que, no socialismo também será necessária a luta contra as opressões e teremos terreno mais fértil para isso, já que um dos pilares do socialismo é a não opressão, é também inquestionável que não daremos fim às opressões por meio de concessões no interior do capitalismo.



[petroleiros.socialistas](#)



[petroleiros.socialistas](#)



+ 55 21 9 98014857

bit.ly/infopetsoc (lista de transmissão)



bit.ly/blogpetsoc



AS ELEIÇÕES DE 2022 E A LUTA PARA CONSTRUIR UM PROJETO CLASSISTA E SOCIALISTA PARA O PAÍS

A pandemia e a crise econômica aprofundam a precarização do trabalho, a fome, a situação dos trabalhadores, desempregados e setores oprimidos. A destruição dos direitos da população e do patrimônio público avança a passos largos. Governo, parlamento, polícia... só servem para defender os interesses dos ricos. No Brasil, estes elementos - comuns ao capitalismo dos países periféricos — se destacam ainda mais pelas características de nossa (re)colonização (desindustrialização, privatizações, apropriação do agronegócio por empresas internacionais nos governos FHC, Lula/Dilma, Temer/Bolsonaro), da elite e, claro, pelo atual genocida no Planalto.

Ao mesmo tempo em que lutamos por vacinas, auxílio emergencial, empregos e direitos, contra as privatizações e para colocar para Fora Bolsonaro e Mourão - nossa prioridade máxima -, vivemos também uma campanha eleitoral antecipada. Lula, Bolsonaro e a tentativa de uma 3ª via burguesa ocupam os meios de comunicação e polarizam o debate.

Se é verdade que estas opções guardam diferenças importantes entre si, é verdade também que nenhuma delas aponta para as mudanças estruturais que necessitamos no país. Por isso, uma coisa é a ampla unidade para derrotar o governo nas ruas, outra é a construção de um projeto de poder, que deve obedecer ao critério da independência de classe.

“INDEPENDÊNCIA” OU “CONCILIAÇÃO” DE CLASSE ?

“Frente popular”, “concertação”, “unidade nacional”, “frente ampla” etc. são variantes de tipos de governos (e dentro de cada tipo também existem suas variações) adotados ao longo da história em diferentes épocas e países.

O que têm em comum é partidos reconhecidos como “de esquerda” (ou organizações sindicais ou sociais dos trabalhadores) compondo estes governos junto a setores da grande burguesia.

A sociedade capitalista se baseia na exploração de uma classe sobre a outra e estas têm, portanto, interesses opostos. Um acordo de “conciliação de classes” em um governo, é a fórmula para manter as coisas as mais próximas da normalidade, entendendo-se normalidade como a manutenção da exploração, das taxas de lucro.

Só que isto também é um engano, porque existe uma tendência, acentuada e veloz, à piora das condições de vida dos trabalhadores.



Condições pontuais da economia mundial (como um boom dos commodities), irão cobrar a fatura logo mais à frente, como se viu no Brasil. Se alguns setores dos trabalhadores pareciam “estáveis” ou até melhorado sua vida enquanto os banqueiros faturavam como nunca, agora a conta chega para os trabalhadores... e os banqueiros seguem faturando como nunca...

Ou seja, se não realizamos mudanças estruturais na economia, não conseguimos mudar de fato a vida da classe trabalhadora.

“Quem paga a banda, escolhe a música”, este é um ditado que serve para todos os tipos de “conciliação” com a burguesia. Por trás de um nome bonito, está o engodo de um governo burguês que, como tal, será inimigo dos trabalhadores.

Para tirar o país da crise, precisamos enfrentar a burguesia. Deixar de lado o critério da independência de classe é assumir um futuro de cada vez mais exploração, recolonização e desindustrialização.

Só assim se explica um país que é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e a população com cada vez menos acesso aos combustíveis. Ou que tenhamos mais de 20 milhões passando fome enquanto somos um dos maiores produtores de carne e grãos do mundo.

O projeto de manter e aprofundar a exploração e a desigualdade é que nos trouxe a mais de 500 mil mortes, a um grau inimaginável de violência sobre a juventude negra periférica e opressão sobre as mulheres e LGBTIs.

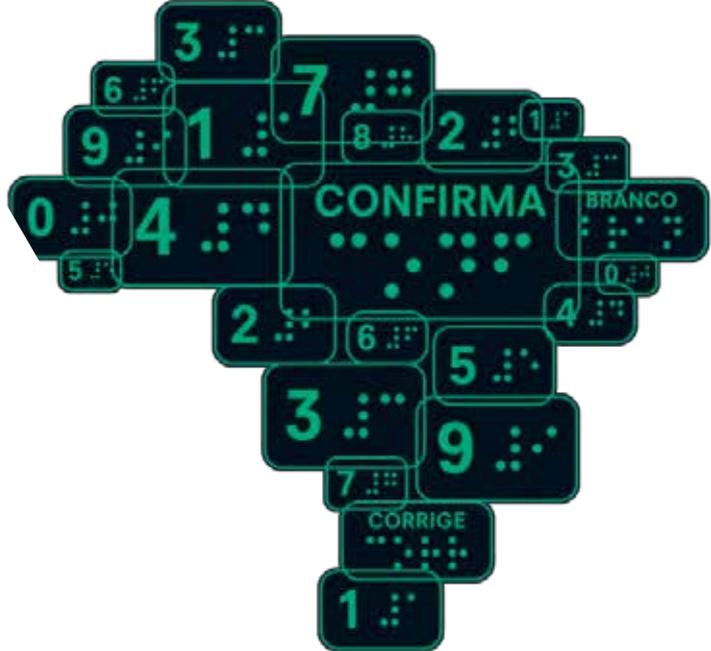
A FRENTE AMPLA

No caso em questão, a tal Frente Amplíssima, apoiada por alguns partidos de esquerda, é a reedição, piorada, de um governo de aliança com banqueiros, grandes empresários e os partidos da velha direita, com o qual já tivemos experiência e que inclusive foi co-responsável por chegarmos aonde estamos agora.

Que expectativa podemos ter em um governo junto com o Bradesco, do agronegócio ou do Centrão? Porque sim, este é o projeto do PT, candidatura à qual provavelmente agregar-se-ão outros partidos, como já demonstra a direção do PSOL.

Tal tipo de governo seria capaz de reverter o desmonte da Petrobrás, parar de pagar a dívida pública, estancar a corrupção institucionalizada, desfazer a reforma trabalhista ou sequer a PPI?

Sem contar que – reforçamos! – não podemos nos dar ao luxo de esperar até 2022, jogando todas as nossas fichas nas eleições, enquanto estão em curso agora o desmonte da Petrobrás com a venda das refinarias e outras unidades, a venda dos Correios e da Eletrobras, a Reforma Administrativa e por aí vai.



A FNP não deve abraçar nenhuma dessas candidaturas, pelo já exposto e porque não cabe o atrelamento a nenhum projeto eleitoral ou governo, mas, sim, afirmar sua independência de classe, apostar na ação direta, na mais ampla unidade de ação e na construção de um bloco classista e socialista para a disputa de poder no Brasil.

CSP-CONLUTAS

POR QUE APOSTAR NESTA ALTERNATIVA?

A CSP-CONLUTAS caracteriza-se por não transigir na defesa das estatais, dos direitos trabalhistas e da aposentadoria em favor de interesses partidários ou pessoais no parlamento, no governo, na gestão das estatais e dos negócios da burguesia, independentemente do governo de plantão, e por atuar obstinada e cotidianamente pela construção da unidade de ação de todos os trabalhadores, apesar das diferenças existentes.

As justas críticas à cúpula dirigente das Centrais majoritárias não nos impede de separar o joio do trigo. A não vinculação a um pólo combativo favorece o outro campo, deixa a burocracia de mãos livres. A superação desta política pavimenta a construção da unidade. A CSP-CONLUTAS reforça essa estratégia.

O Coletivo Petroleiros Socialistas constrói a CSP – Conlutas (Central Sindical e Popular), que ainda é pequena numericamente, mas que tem sido decisiva no interior do movimento sindical do país.

Dos 5 sindicatos que compõem a FNP, dois são filiados à CSP e outros três não têm filiação, tendo se desfiliado da CUT há alguns anos, justamente pela trajetória desta central, assim como a FUP, aprofundada durante os governos petistas.

Acreditamos que este é um debate importante e que deve ser feito pelos associados a estes sindicatos, ainda que não haja uma proposta de deliberação sobre filiação a nenhuma Central nesta plenária.

A CSP-Conlutas faz parte da campanha em defesa do serviço público e das estatais, e pela unidade dos trabalhadores contra as privatizações. Nela militam petroleiros, ecetistas (Correios), bancários, metrorviários e eletricitários, juntos na defesa do patrimônio público.

Esta é a Central que defendemos: classista, de luta, independente dos governos e dos patrões, internacionalista e combatente contra as opressões machistas, racistas e lgbtfóbicas.



POR QUE NOS DENOMINAMOS PETROLEIROS “SOCIALISTAS”?

A pandemia de Covid-19 não foi uma fatalidade e tampouco era inevitável este número de mortos. É reflexo do desequilíbrio ambiental provocado pelos interesses do agronegócio, pilar do capitalismo, este mesmo sistema que propicia aos executivos das farmacêuticas e de plataformas online, entre banqueiros e acionistas, lucrarem bilhões. Que a Petrobrás repasse bilhões de lucro aos seus acionistas, enquanto milhões tenham voltado a cozinhar à lenha.

É evidente que todos os países falharam na defesa da humanidade contra o coronavírus. Cada acidente ambiental ou de trabalho é parte de uma grande destruição do planeta, da humanidade. Mas, inclusive cada avanço tecnológico, ao invés de significar um avanço nas condições de vida de cada um, produção mais barata e em menos tempo de bens de consumo necessários, torna-se uma ameaça, uma ferramenta para maior exploração, maior produção com menos empregos.

O capitalismo fracassou e seus ainda defensores reconhecem isso, propondo melhorias, reformas, paliativos. Soluções mágicas que inclusive já foram testadas e fracassaram, em momentos em que talvez tivessem chance de mostrar um resultado aparente um pouco melhor.

A saída é uma sociedade socialista. Dizemos isso com orgulho e propositalmente está no nome de nosso coletivo, "Petroleiros Socialistas", inclusive porque queremos explicar do que se trata e diferenciar bastante nossa concepção de outras que povoam a mente das pessoas, sejam por terem sido desvirtuadas por organizações identificadas com a esquerda, seja por serem utilizadas pelas fábricas de fake news e pseudo filósofos da direita.

Se não podemos repartir de forma racional a quantidade de trabalho social necessário entre aqueles que podem trabalhar, como garantir emprego a todos? Como vamos reduzir a desigualdade social se a riqueza produzida coletivamente, pela maioria trabalhadora, é concentrada na mão de poucos burgueses?

Falamos da necessidade do socialismo a partir dessas constatações, não de modelos pré-concebidos em nossas cabeças. Não se trata de aplicar um modelo abstrato e utópico, mas partindo da própria realidade.

Isso só acontecerá se rompermos com o sistema, se os trabalhadores tomarem o poder político e impuserem outra forma de organizar a sociedade, de produção e distribuição. Que comece, por exemplo, por estatizar as grandes empresas e planificar a economia, junto com o monopólio do comércio exterior.

O socialismo só pode existir quando a classe trabalhadora e os demais setores oprimidos passam a governar de fato a sociedade. Para isso, é necessário construir um novo tipo de Estado, baseado em Conselhos Populares, organizados em locais de trabalho, moradia e estudo. Assim, todo trabalhador poderá participar da vida política do país, definir as prioridades de uma planificação econômica, controlar e gerir fábricas e escolas.

Por isso dizemos que só existe socialismo com democracia. Nada a ver com a caricatura burocrática do stalinismo. O que existe na China, Coreia, Venezuela ou até mesmo Cuba nunca foi ou não é mais Socialismo.



LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS EM CUBA, CHILE, NA AMÉRICA LATINA E EM TODO O MUNDO!

Os recentes levantes ocorridos em Cuba reabriram debates em todo país (e no mundo) sobre o caráter do regime cubano. A revolução cubana, a partir de 1959, sempre foi cercada de muita solidariedade, justamente por seu êxito e simbolismo - no quintal do gigante imperialista, os avanços conquistados pelo povo cubano em função de uma sociedade que expropriou a propriedade privada em Cuba e enfrentou durante décadas um criminoso embargo econômico sempre nos serviram de exemplo.

Infelizmente, o quadro hoje é bem diferente. A restauração avançou, pelas mãos do próprio governo, durante décadas, e o regime capitalista cubano hoje não é mais socialista. Pelo contrário, tem uma forte presença do imperialismo europeu em sua economia e as estatais respondem às necessidades do mercado e não da população.

Por isso, o povo sai à rua, para lutar contra os efeitos do capitalismo, também em Cuba. Contra a fome e o desabastecimento, manifestações legítimas que ocorrem em diversas parte do mundo e que têm enfrentado a mão-de-ferro de Díaz-Canel e confundido defensores do Socialismo em todo o mundo.

Na nossa opinião, diferente dos gusanos e do stalinismo, há de se prestar solidariedade a todos os trabalhadores em luta do planeta e, em Cuba, apesar da emocionante história da ilha, além de defendermos o fim do bloqueio, também temos que defender a reestatização das empresas, a expulsão do imperialismo e a liberdade dos presos políticos das manifestações populares.